



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS

Maycon Douglas Meneses de Andrade

Estudo comparativo entre o léxico de línguas do tronco macro-jê:
Apinayé e Krahô

Araguaína/TO

2025

Maycon Douglas Meneses de Andrade

Estudo comparativo entre o léxico de línguas do tronco macro-jê:

Apinayé e Krahô

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas de Araguaína, para obtenção do título de licenciado em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque

Araguaína/TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M543e Meneses de Andrade, Maycon Douglas.

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O LÉXICO DE LÍNGUAS
DO TRONCO MACRO-JÊ: APINAYÉ E KRAHÔ / Maycon Douglas
Meneses de Andrade. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO,
2025.

33 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Letras - Português) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Francisco Edviges Albuquerque.

1. Apinayé . 2. Krahô . 3. Família linguística Jê.

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Maycon Douglas Meneses de Andrade

Estudo comparativo entre o léxico de línguas do tronco macro-jê:

Apinayé e Krahô

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas de Araguaína, curso de Letras-Português. Foi avaliada para a obtenção do título de licenciado em Letras-Português e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela banca examinadora.

Araguaína, 24 de Junho de 2025.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Francisco Edviges de Albuquerque – Orientador (UFNT)

Prof. Dra. Danielle Mastelari Levorato (UFNT)

Me. Robbergson Andrade Duarte (UFNT)

Dedico este trabalho a cada um que me ajudou e me motivou a chegar até aqui. Sou grato pela vida de todas as pessoas que fazem parte da minha caminhada nesta terra, guardando o amor e a paz em meu coração.

AGRADECIMENTO

Quero agradecer ao meu Deus pela vida, por toda proteção e por toda a saúde física e mental que me deu. Agradeço a minha querida mãe que, antes de partir para um lugar melhor, pediu que eu promettesse a ela que faria uma faculdade. Eu tinha apenas 13 anos de idade na época em que ela se foi. Sinto muita saudade. Todas as coisas que faço para ser uma pessoa melhor a cada dia, é dedicado a ela.

Agradeço ao meu pai, minha avó e minha irmã que são meus motivos para prosseguir a caminhada e conseguir atingir a competência para uma estabilidade de vida.

Agradeço ao meu professor e orientador Dr. Francisco Edviges pelo conhecimento compartilhado dentro da sala de aula e também pelos ensinamentos de como ser uma pessoa humilde de coração, que não mede esforços para ajudar quem precisa.

Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa dada a mim por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Essa bolsa foi concedida a mim devido ao projeto de pesquisa que se tornou meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Agradeço à banca avaliadora, Prof. Dra. Danielle Mastelari Levorato, Me. Robbergson Andrade Duarte, por se disponibilizarem a fazer parte desse momento importante em minha vida.

Agradeço a todos os meus professores da minha educação básica e da graduação, os quais compartilharam conhecimentos necessários para que eu pudesse me tornar não apenas um ser humano melhor, mas também um excelente professor.

Agradeço aos meus amigos que fizeram parte da minha vida durante toda a minha graduação em Letras-Português, e por toda a ajuda que me concederam. Muito obrigado a cada pessoa que me ajudou e me motivou até aqui.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo comparativo do léxico entre as línguas indígenas Apinayé e Krahô, ambas pertencentes ao Tronco Macro-Jê e à Família Linguística Jê. A pesquisa aborda o léxico Apinayé e Krahô, e o foco da análise recai sobre o estudo comparativo dessas duas línguas indígenas. O objetivo geral é realizar um estudo comparativo de termos lexicais, em seus aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e semânticos, existentes nas línguas Apinayé e Krahô, e os objetivos específicos são relacionar termos lexicais existentes nas línguas Apinayé e Krahô, comparar os termos lexicais existentes nas línguas Apinayé e Krahô, contribuir para a organização de base de dados a fim de produzir material didático. A metodologia empregada é de abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica, fundamentada em autores como Rodrigues (1986), Nimuendajú (1956); Mellati (1978) e Albuquerque (2011). Os resultados finais incluem uma amostra comparativa de vocábulos entre Apinayé e Krahô, evidenciando semelhanças e diferenças lexicais nos aspectos gramaticais do mecanismo linguístico indígena.

Palavras-chave: Apinayé. Krahô. Família Linguística Jê. Línguas indígenas.

ABSTRACT

This paper presents a comparative study of the lexicon between the indigenous languages Apinayé and Krahô, both belonging to the Macro-Jê stock and the Jê Linguistic Family. The research addresses the Apinayé and Krahô lexicon, and the focus of the analysis lies on the comparative study of these two indigenous languages. The general objective is to conduct a comparative study of lexical terms, in their phonetic, phonological, morphological, and semantic aspects, existing in the Apinayé and Krahô languages. The specific objectives are to relate lexical terms existing in the Apinayé and Krahô languages, to compare the lexical terms existing in the Apinayé and Krahô languages, and to contribute to the organization of a database in order to produce didactic material. The methodology used is qualitative and bibliographic in nature, based on authors such as Rodrigues (1986), Nimuendajú (1956); Mellati (1978) and Albuquerque (2011). The final results include a comparative sample of words between Apinayé and Krahô, evidencing lexical similarities and differences in the grammatical aspects of the indigenous linguistic mechanism.

Keywords: *Apinayé. Krahô. Jê Linguistic Family. Indigenous languages.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	POVO APINAYÉ	11
3	POVO KRAHÔ	13
4	ASPECTOS HISTÓRICOS DO TRONCO LINGUÍSTICO MACRO-JÊ	16
5	GRAMÁTICA APINAYÉ	17
6	GRAMÁTICA KRAHÔ	19
7	BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	20
7.1	Análise fonética e fonológica dos termos Apinayé e Krahô	22
7.2	Análise morfológica dos termos Apinayé e Krahô	27
7.3	Análise semântica dos termos Apinayé e Krahô	29
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a partir de uma proposta de realizar um estudo comparativo do léxico entre as línguas Apinayé e Krahô que fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê e da família linguística Jê. A princípio a ideia de realização desse estudo é advinda do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC).

Inicialmente, é importante ressaltar a riqueza e relevância das línguas indígenas Apinayé e Krahô, visto que seus sistemas linguísticos possuem particularidades essenciais que fazem parte não só da identidade e cultura desses povos, mas também de como constroem a realidade por meio da linguagem.

Ademais, Rodrigues (1986) afirmou que há várias línguas indígenas que pertencem a determinados troncos linguísticos. Nesse viés, tanto a língua indígena Apinayé quanto a Krahô fazem parte de um mesmo tronco linguístico conhecido como Macro-Jê. Para Rodrigues (1986), o tronco linguístico Macro-Jê compreende um conjunto de línguas, as quais são chamadas de línguas da família Jê. Diferentemente de outros troncos linguísticos que possuem registros históricos, Rodrigues (1986) preconiza que o Macro-Jê é um tronco linguístico que permanece hipotético por não possuir registros que comprovem que realmente existiu. O que se pode afirmar é que há línguas indígenas que possuem semelhanças entre seus léxicos, apontando para um ancestral linguístico comum. A família linguística Jê abarca a língua Apinayé e Krahô.

Rodrigues (1986) mostra que há povos indígenas numa mesma aldeia que falam apenas uma língua, outros indígenas conseguem falar mais de uma língua. Com efeito, Rodrigues (1986) preconiza que determinado fato linguístico é evidente devido o contato entre diferentes povos indígenas, ocasionando nesses fenômenos linguísticos que nos mostram a real capacidade cognitiva do ser humano.

No Brasil, Rodrigues (1986) aponta vários locais em que línguas pertencentes a família linguística Jê se fazem presentes em determinados territórios. Mellati (1978) e Nimuendajú (1956) discorrem sobre os povos Apinayé e Krahô, evidenciando tanto o local onde vivem, quanto a cultura e os costumes desses povos.

Ademais Albuquerque (2011) discorre sobre a gramática que faz parte do sistema linguístico Apinayé, dando o aporte necessário para entendermos como eles constroem e pensam a realidade por meio da língua. Outrossim, Albuquerque (2016) também nos mostra, por meio da gramática da língua Krahô, como o sistema linguístico desse povo também é complexo e interessante, contribuindo para a preservação dessa língua que também se faz presente no território brasileiro. Nesse sentido, é possível percebemos a similaridade entre o

léxico dessas duas línguas indígenas, as quais apontam para uma mesma família linguística. Esse estudo comparativo entre o léxico Apinayé e Krahô poderá servir de contribuição também para elaboração de material didático para essas aldeias, evidenciando como duas línguas diferentes podem possuir alguns traços em comum e particularidades que as distinguem.

Com base nessa prerrogativa, este artigo tem por objetivo geral realizar um estudo comparativo de termos lexicais, em seus aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e semânticos, existentes nas línguas Apinayé e Krahô, e tem como objetivos específicos Relacionar termos lexicais existentes na língua Apinayé e Krahô; Comparar os termos lexicais existentes nas línguas Apinayé e Krahô; Contribuir para a organização de base de dados a fim de produzir material didático.

Metodologicamente, este artigo é caracterizado como qualitativo e bibliográfico. O referencial teórico utilizado é composto por Rodrigues (1986), Nimuendajú (1956); Mellati (1987) e Albuquerque (2011), pesquisadores renomados na área das línguas indígenas no Brasil. Ademais, este trabalho foi escrito em forma de sessões conforme descrito no sumário.

2 POVO APINAYÉ

O povo Apinayé possui uma riqueza cultural vasta, tanto em questão de linguagem quanto de costumes, fazendo parte da família linguística Jê. Em questões territoriais, Nimuendajú (1956) afirma que os Apinayé vivem próximos a cerrados rodeados por colinas, bem como locais banhados por rios. Nesses territórios, com efeito, uma das fontes de renda dos Apinayé é a colheita de folhas e amêndoas de coco babaçu e palmeiras, além destes servirem também como materiais para a construção de suas casas. Inicialmente, com os estudos etnográficos e de campo, foram catalogadas algumas aldeias indígenas.

Segundo Nimuendajú (1956), no século XX, havia cerca de quatro aldeias Apinayé, sendo elas: Bacaba, Gato Preto, Mariazinha e Cocal. Cada um desses lugares possuía uma quantidade de pessoas limitada, com algumas diferenças culturais. Suas casas não eram construídas de barro, mas com palhas e outros materiais, em formas retangulares, com palhas de palmeiras de babaçu que cobriam os telhados. Essas casas eram compostas por famílias que conviviam em harmonia. Para os casais era feita a separação dos cômodos com camas altas e paredes que cercavam o quarto para guardar a intimidade do casal, bem como havia a separação de cômodos para as famílias (Nimuendajú, 1956).

Hodiernamente, Albuquerque (2011) destaca onde ficam alguns dos povos Apinayé no Estado do Tocantins:

Atualmente, as terras indígenas Apinayé sofrem a interferência direta de rodovias: TO 126 que liga os municípios de Tocantinópolis e Maurilândia, seccionando toda a reserva no sentido norte-sul; a TO 134, trecho Angico entroncamento BR 230; e a Transamazônica em cujo eixo estão localizadas nove aldeias: São José, Patizal, Cocalinho, Buriti Comprido, Palmeiras, Prata, Serrinha, Cocal Grande e Boi Morto. Já ao longo da BR 126, estão localizadas as outras seis aldeias: Mariazinha, Riachinho, Bonito, Brejão, Girassol e Botica (Albuquerque, 2011, p. 25).

Conforme afirma Nimuendajú (1956), os Apinayé são divididos em duas metades chamadas de matrilineares. A valer, tanto a descendência quanto a filiação ao grupo são definidas pela linhagem materna. Nimuendajú (1956) explica que isso ocorria, antigamente, como uma forma de organização, na qual havia um círculo que localizava os dois lados opostos de uma mesma casa para separar as famílias. Uma das metades ficava no lado Norte, conhecida pelo nome de *Kolti/Kolo-ti* Sapucaya, a qual se referia uma espécie chamada de *Lecythis ollaria*. (Nimuendajú, 1956). Já a outra metade era chamada de *Kolre ou Kôlo*, que se refere à castanheira-do-brasil (castanha do Pará).

Para Nimuendajú (1956) há uma denominação e uma hierarquização entre os *Kolti* e os *Kolre*, esses são chamados de aldeia de cima, e aquelas são chamados de aldeia de baixo, sendo uma diferenciação simbólica sem relação com o local topográfico. Além disso, eles possuem algumas diferenças culturais relacionadas às cores e aos adornos. Os *Kolre* usam tinta de urucum vermelha para as suas cerimônias, e os *Kolti* usam tinta preta advinda de látex e carvão vegetal. Essas pinturas servem também para rituais como de iniciação a guerreiros. Essa organização é baseada em algo simbólico e complementar. (Nimuendajú, 1956). Outrossim, Nimuendajú (1956) tematiza que a família dos indígenas Apinayé é bilateral e matrilocal. (Nimuendajú, 1956).

Ainda nessa linha de costumes, Nimuendajú (1956) destaca que o marido se muda para a casa da esposa a fim de viver com a família dela. Essa relação é chamada de matrilocal. Nimuendajú (1956) explica que não há um grupo de parentes rigidamente organizado, sendo a comunidade formada por famílias que se interligam pela linhagem da mulher. As residências são formadas por famílias de no mínimo 10 membros, e a mulher é a proprietária da casa. A comunidade não compactua com relações incestuosas.

Assim, de acordo com Nimuendajú (1956), no modo de sobrevivência dos Apinayé, os homens são responsáveis pela caça, enquanto as mulheres cultivam e plantam em suas terras para contribuir com o sustento da família. Essa separação de funções são cruciais para a vivência deste povo indígena. Nas práticas esportivas também há separações de funções em relação aos participantes.

Em relação ao esporte, a corrida de tora é o mais aclamado pela comunidade indígena em questão. A corrida de tora consiste em carregar uma madeira de 100kg ou mais por homens agrupados em times. Há um revezamento de equipes nessa corrida, pois a distância é longa. Esse esporte tem como significado para o povo indígena a cooperação, a resistência, entre outros. (Nimuendajú, 1956). Essas representações simbólicas também recaem sobre as lendas e narrativas do povo Apinayé.

Há também os mitos e as lendas que representam formas de viver, legados e aprendizados do povo Apinayé, dentre elas tem-se: A origem da tribo Apinayé; Sol e lua; O fogo; Vanmegaprána, entre outras. Essas narrativas carregam consigo ensinamentos sobre a natureza, caça, agricultura, medicina tradicional, ciclos climáticos, entre outros ensinamentos que são repassados às gerações seguintes desse povo cheio de vivências e conhecimentos empíricos. Além disso, elas também explicam a origem do povo Apinayé, guerras, alianças entre grupos etc. Tudo isso constrói a identidade coletiva desse povo indígena.

3 POVO KRAHÔ

O povo Krahô possui suas singularidades em relação ao povo Apinayé. Apesar de pertencerem à mesma família e ao mesmo tronco linguístico, possuem vivências, culturas, aspectos linguísticos, maneiras de construir significados pela linguagem de formas diferentes. É importante mencionar inicialmente o lugar em que vivem alguns dos povos Krahô. Mellati (1978, p. 21) afirma que:

Os índios Krahô habitam um território de quase 3.200 quilômetros quadrados, cujo uso e gozo lhes foi concedido pelo governo do Estado de Goiás em 1944. Esse território está situado nos municípios de Goiatins (cujo antigo nome era Piacá) e Itacajá, entre os rios Manoel Alves Pequeno (afluente da margem direita do Tocantins) e Vermelho ~ (afluente do Manoel Alves Grande, que, por sua vez, também desemboca no Tocantins), no norte do referido Estado. (Mellati, 1978, p. 21).

Em consonância com a localização do povo Krahô, Mellati (1978) tematiza que os Krahô passaram pelo processo de migração devido aos não indígenas ocuparem seus territórios e os expulsarem por meio de conflitos, muitas vezes, mortais. Mellati (1978) afirma também que dentro da comunidade Krahô houve uma divisão territorial. Essa divisão, segundo Mellati (1978), foi presenciada por Nimuendajú (1956) em suas pesquisas de campo. Nimuendajú (1978) afirma que o povo Krahô era dividido em dois grupos *Mākamekra* e *Kenpokateyê*. O primeiro grupo, conhecido como meridional, era dividido em duas aldeias: Uma chefiada por Bernadinho e outra por Secundo. O segundo grupo, conhecido como setentrional, se organizava em duas aldeias: Pedra Branca e Pedra Furada. (Mellati, 1978).

Mellati (1978) tematiza que houve transformações quanto a essas divisões descritas por Nimuendajú (1956). Essas alterações foram expandidas para 6 núcleos: A aldeia de Secundo estava às margens do Ribeirão Serrinha; A aldeia de Bernadinho estava no Morro do Boi; A aldeia de Pedra Branca estava dividida em duas: Uma próximo ao Posto Indígena, outra junto ao ribeirão Pedra Branca; A aldeia de Pedra furada estava dividida em duas: Uma estava no local conhecido por Lagoa do Escondido, a outra junto ao Ribeirão do Abóbora.

Mellati (1978) destaca que as aldeias Krahô podem ter por nome o local em que estão alocadas, ou de lugares que já pertenceram. Mellati (1978) afirma que essas aldeias já passaram por outros locais, e que estão em constantes mudanças. É possível notar pelas pesquisas de Mellati (1983) que o povo Krahô passou por processos de divisão e reorganização espacial ao decorrer dos anos, que impactaram em transformações políticas, ambientais e sociais.

Conforme as afirmações de Mellati (1978), as casas do povo Krahô são organizadas em círculos e dispostas numa circunferência. Mellati (1978) deixa claro que o tamanho do círculo é proporcional à quantidade de casas. Essa forma circular pode simbolizar algo como a igualdade. Essa disposição de casas também pode ter sido adotada pelo contato com os não indígenas ou até mesmo outros povos. Esse círculo central funciona como um espaço comunitário, em que os indígenas mantêm a área limpa para as atividades sociais/coletivas.

As casas, segundo Mellati (1978), são cobertas por folhas de buriti ou palha, com as paredes feitas de estacas, revestidas com barro, sem paredes internas rígidas que separam cômodos. Com as tematizações de Mellati (1978) é possível notar que o contato dos indígenas com os não indígenas foi fator crucial para a influência em suas arquiteturas, festas, entre outras coisas. Com essa influência, Mellati (1978) menciona o uso de panelas de ferro em que preparam arroz e feijão para se alimentarem, bem como as festas nas madrugadas para celebrarem e consumirem esses alimentos. Para Mellati (1978), o povo Krahô teve algumas adaptações em suas culturas diante do contato com os não indígenas; mas manteve suas tradições, mostrando adaptação e preservação de sua cultura.

Em relação ao processo de subsistência do povo Krahô, Mellati (1978) afirma que as mulheres são as principais responsáveis pela coleta de frutos silvestres: bacaba, oiti, buriti, entre outros. Mellati (1978) destaca também que eles utilizam plantas diversas, vegetais silvestres, para confecção de flechas, ornamentos, entre outros utensílios. Outrossim, a pesca é mais intensa durante a seca, quando os rios estão mais claros e baixos. Os Krahô utilizam anzol, arco e flecha para a pescaria. Além disso, para caçar, o Krahô utiliza arco e flecha, buscando animais de pequeno porte, como macaco, tatu, e utilizam técnicas com fogo para a captura de morcegos.

Mellati (1978) preconiza também que o cultivo de plantas, como, batata doce, milho e mandioca, é uma prática regular nessa comunidade.

Mellati (1978) também aborda que o plantio de milho é bem comum entre os Krahô, sendo um dos primeiros alimentos a serem plantados. Ademais, Mellati (1978) também afirma que a comunidade leva em consideração os sonhos e ritos para o sucesso nas práticas de subsistência. Nessa perspectiva, relacionada ao processo de subsistência, Mellati (1978) tematiza que o povo Krahô trabalha nas roças com plantações de arroz, feijão, entre outros alimentos para que possam se alimentar. Diante dessas colocações, é possível notar que as atividades de subsistência são diversificadas e carregam conhecimentos empíricos enraizados pela vivência desse povo ao longo dos anos, os quais adaptam suas práticas, e inovam em conhecimento, cultivando suas tradições.

Em relação ao grupo familiar, é possível afirmar que a família elementar Krahô é composta por um homem, sua esposa e filhos, formando famílias elementares que compartilham a mesma casa e são ligadas por laços matrilineares. Mellati (1978) preconiza que a liderança da família é o homem mais velho, o qual coordena o trabalho coletivo, como o cultivo de roças. A separação desse grupo familiar pode constituir um segmento residencial, que pode, por sua vez, migrar para outras aldeias, mantendo a organização espacial da aldeia de origem. Além disso, O povo Krahô utiliza termos específicos para a classificação dos parentes:

Cada indivíduo Krahó aplica um termo equivalente a "pai" (itxü) a todos aqueles indivíduos que podem manter ou mantêm relações sexuais com a sua genitora. Do mesmo modo, aplica um termo equivalente a "mãe" (itxe) a toda mulher que pode manter ou mantêm relações sexuais com seu genitor ou genitores (uma vez que os Krahó admitem que mais de um homem pode gerar a mesma criança). Chama por termos equivalentes a "irmão" (itó) e "irmã" (itoí) a todos os filhos e filhas das pessoas a quem chama de "pai" e "mãe". Chama de "filho" ou "filha" (ikhra) a todos os indivíduos gerados por seus "irmãos" do mesmo sexo. Aos filhos e filhas de "irmãos" do sexo oposto aplica o mesmo termo que usa para os filhos ou filhas do "filho" ou da "filha" (itamtxua). Aos indivíduos a que suas "mães" chamara de "irmão" aplica o mesmo termo por que chama aos "pais" de seus "pais" e "pais" de suas "mães" (keti). As mulheres a que seus "pais" chamam de "irmãs", aplica o mesmo termo por que chama as "mães" de suas "mães" e "mães" de seus "pais" (tli)." (Mellati, 1978, p. 53).

De acordo com Mellati (1978), o casamento é evitado entre parentes consanguíneos próximos. O pensador também afirma que os nomes dados aos filhos são herdados de parentes e os vinculam a metades sociais, conferindo direitos e obrigações rituais. Esses nomes são compostos por séries de palavras.

Em relação aos laços de amizade, Mellati (1978) tematiza que o povo Krahô estabelece amizades formais, e que essas relações influenciam o tipo de comportamento que os indígenas terão um com o outro; Bem como há também relações de amizade de divertimentos e

companheirismo, conhecidas como espontâneas e livres, que não é extremamente ritualística. Ademais, o sistema parentesco Krahô é dinâmico e integra o trabalho coletivo nas roças, sociais, rituais e crenças. Essa reciprocidade e essa interdependência corporal, restrições de pais e filhos, diante das regras matrimoniais, mostram como esse grupo adapta princípios tradicionais a determinados contextos, preservando a própria identidade cultural.

Outrossim, o povo Krahô possui uma riqueza cultural muito extensa, principalmente quanto aos jogos e ritos. Conforme Mellati (1978), esse grupo se divide em duas metades sazonais *Wakmeye* e *Katamye*, as pinturas dos corpos se diferenciam em cada uma dessas metades. Com efeito há outras metades que se subdividem em várias outras, por exemplo: *Khoikateye* e *Harakateye* (metades de idade); *Khöirumpekëtxë* e *Harãrumpekëtxë* (associado a nomes pessoais), entre outras metades. (Mellati, 1978).

Em relação aos rituais, Mellati (1978) data cerca de 50, dentre eles ritos ligados ao ciclo de vida, ao ciclo anual, iniciação, entre outros. Dentro de cada um desses ritos há várias histórias relacionadas aos temas.

Em relação aos jogos mais significativos dos Krahô, Mellati (1978) destaca a corrida de tora que é semelhante à corrida de tora Apinayé, a diferença é que há modalidades para mulheres e crianças participarem, adaptando o peso à força corporal de cada gênero.

4 ASPECTOS HISTÓRICOS DO TRONCO LINGUÍSTICO MACRO-JÊ

O Tronco Linguístico Macro-Jê pode ser definido como um conjunto ou agrupamento de famílias linguísticas indígenas. Rodrigues (1986) tematiza que esse ancestral linguístico é considerado um dos troncos mais antigos, comparando-se ao tronco Tupi, um dos mais antigos do Brasil.

Para Rodrigues (1986), o Tronco Macro-Jê possui poucas evidências documentais, visto que se trata de uma língua bastante antiga e que não possui registros históricos evidentes:

[...] A constituição do tronco Macro-Jê é altamente hipotética ainda. Alguns de seus membros são representados por línguas que ainda se falam, como o Maxakalí, o Boróro, o Karajá, o Guató, o Ofayé, as quais têm sido estudadas modernamente e cujo conhecimento pode ser aprofundado (Rodrigues, 1986, p.49).

Como se pode observar na citação acima, há 4 línguas derivadas desse tronco ancestral, as quais são consideradas as mais antigas de todo o conjunto linguístico.

Conforme os indígenas foram se espalhando pelo Brasil devido o extermínio datado do século XVI ao XVIII, tendo que deixar suas terras e famílias para se abrigarem em locais que não fossem pegos, muitas línguas foram constituindo-se no decorrer dessa época, bem como

outras línguas derivadas do tronco Macro-jê que foram extintas. Nesse sentido, cabe destacar alguns conjuntos linguísticos desse tronco:

Timbira, que compreende as línguas dos índios Canela (Ramkókamekra e Apâniekra), Krinkatí, Pukobyé (Gavião do Maranhão) e Krenjé (Kreyé), no Estado do Maranhão, assim como dos Pàrakáteye (Parakatejé ou Gavião do Pará), no Estado do Pará, e dos Krahô, no Estado de Goiás; Kayapó, que abrange as línguas dos Kubenrankegn, Kubenkrangnotí, Menkrangtotí, Kokraimôro, Gorotíre e Xikrin, no Pará, bem como dos Txukahamãe (Mentuktíre) no Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso; Akwén, que inclui a língua dos Xavánte, hoje em Mato Grosso, anos atrás também em Goiás, a dos Xerénte, em Goiás, e a dos Xakriabá, no norte de Minas Gerais, anteriormente também em Goiás; Kaingáng, com as línguas dos Kaingáng rios Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e dos Xoklég, em Santa Catarina (Rodrigues, 1986, p. 47 - 48).

Esses conjuntos linguísticos apresentados por Rodrigues (1986), por pertencerem ao mesmo ancestral linguístico, possuem muitos aspectos em comum, principalmente no que se refere a regras gramaticais. É importante destacar que cada língua possui seu sistema fonético e fonológico, morfológico, sintático e semântico. Em algumas partes desses núcleos sistêmicos, essas línguas apresentadas, possuem formas em comum.

Nesse panorama, convém destacar a família linguística Jê, a qual abarca uma variedade de línguas que têm muitos aspectos em comum e também muitas particulares, mostrando a riqueza cultural, científica, religiosa e linguística que faz desse ramo linguístico um patrimônio diverso e importante para o Brasil.

Rodrigues (1986) afirma que a família linguística Jê é considerada um dos ramos de maior conjunto linguístico que o ancestral Macro Jê possui. Essa família linguística compreende algumas línguas indígenas, das quais: "Família Jê Akwén (Akwé) Xakriabá (Xikriabá) Xavánte (A'wé) Xerénte (Akwã) Apinayé Kaingáng (Coroado)." (Rodrigues, 1986, p. 56). Fazem parte do conjunto linguístico mais abrangente do tronco ancestral.

Nesses exemplos apresentados por Rodrigues (1986) é possível observar, a vasta riqueza linguística que a família linguística Jê possui, permeando vários estados do Brasil: Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, entre outros. Com efeito, essa imensidão espacial das línguas Jê permeia parte do território brasileiro de norte a sul do país.

5 GRAMÁTICA APINAYÉ

Para Albuquerque (2011), a fonética da língua Apinayé, que entre este povo é chamada de *Panhĩ Kapêr*, descreve a produção dos fones, as variações alofônicas, entre outras características fonéticas e fonológicas da língua Apinayé. A valer Albuquerque (2011) também nos mostra quais as consoantes dessa língua, bem como os pontos e modos de articulação de cada segmento consonantal, mostrando como oclusivas de fechamento total ou parcial, que são

produzidas pela interrupção do fluxo de ar na cavidade bucal, encontram obstáculos para a produção do som. (Albuquerque, 2011).

Ademais, Albuquerque (2011) afirma que o alfabeto da língua Apinayé possui 29 letras, das quais 16 são vogais e 13 são consoantes. Outrossim, há vogais orais e nasais nessa língua. Tanto as vogais orais quanto as nasais possuem suas particularidades quanto a realização sonora. Albuquerque (2011) também aborda a fonologia da língua Apinayé, mostrando como se dá a representação gráfica dos fonemas.

Ademais, para Albuquerque (2011), é possível compreendermos que a morfologia da língua Apinayé também é um dos mecanismos essenciais da língua capaz de diferenciá-la de qualquer outra língua. Com efeito, o teórico nos mostra as categorias morfológicas da língua Apinayé: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, e como algumas dessas classes se flexionam ou derivam. A morfologia é essencial para entendermos a organização das frases e orações, observando as funções que exercem morfossintaticamente.

De acordo com Albuquerque (2011), na morfossintaxe, os elementos mórficos podem também incluir marcadores que indicam grau diminutivo (*-re*), grau aumentativo (*-ti*) e segmento que indica plural (*-jaja*). A exemplo: *rop + jaja (ropjaja)* = os cachorros. (Albuquerque, 2011).

Na morfologia verbal, para Albuquerque (2011), os verbos em Apinayé se flexionam em tempo, número, pessoa, modo. De acordo com Albuquerque (2011, p. 90): “o verbo em Apinajé admite a flexão de número e pessoa, embora a flexão ocorra através dos prefixos relacionais, sufixos e das palavras indicadoras de tempo ou pela mudança do radical do verbo.” Nesse sentido, a língua Apinayé possui suas particularidades quanto a maneira das palavras se flexionarem. Com efeito, em relação aos mecanismos de flexão em Apinayé, Albuquerque (2011, p. 72) tematiza que:

As palavras variáveis são aquelas que podem ser flexionadas. Flexionar uma palavra é mudar sua terminação para exprimir a variação de significado. Exemplos: *my* (masculino), *ni* (feminino), *tõ* (irmão), *tõx*(irmã), *tõjaja* (irmãos), *ku*(comer/presente), *krêr*(comer/passado). Portanto, essas variações são chamadas de flexão. Em Apinajé, as palavras podem apresentar flexão de gênero, número, grau e tempo. (Albuquerque, 2011, p. 72).

Nessa afirmação de Albuquerque (2011), vemos que as palavras nessa língua indígena possuem seus mecanismos morfológicos particulares, resultando em formas variadas de expressão que possibilitam o entendimento do mecanismo linguístico que rege a língua.

Ademais, apesar de não tratar da semântica isoladamente, Albuquerque (2011) mostra que a semântica em Apinayé não se limita necessariamente ao significado literal das palavras,

mas se junta com a maneira que enxergam a realidade relacionada à cultura desse povo, destacando as categorias e distinções das palavras que são relevantes e que servem de instrumento para eles conviverem e construírem a própria realidade por meio da linguagem. A semântica lexical é a forma como o Apinayé nomeia e categoriza o mundo que pode diferir de maneira significativa do português. Com efeito, pode haver variadas palavras para diferentes para tipos de alimentos, espécies de animais, entre outros.

Além disso, a construção das frases em Apinayé e as relações semânticas entre os elementos da sentença são importantes para definir o significado. A ordem das palavras, a presença de elementos mórficos que as acompanham, e a forma como o Apinayé expressa a transitividade verbal, caso o verbo exija ou não um complemento, são aspectos que influenciam no sentido. A valer, a estrutura Sujeito-objeto-verbo (SOV) pode ser comum em algumas dessas línguas indígenas, e isso tem implicações semânticas na forma como a informação é apresentada e processada pelos interlocutores. (Albuquerque 2016).

6 GRAMÁTICA KRAHÔ

A fonética e a fonologia são áreas da linguística que estuda os sons da fala e sua organização sistemática nas línguas, respectivamente. De acordo com Albuquerque (2016), esses aspectos são descritos de forma detalhada, evidenciando a estrutura sonora da língua e suas particularidades. A fonética Krahô (que entre este povo é chamada de *Mehĩ Jarkwa*) é caracterizada por um leque de fonemas que inclui vogais nasais e orais, consoantes oclusivas, fricativas, vibrantes, entre outras. As vogais podem ser classificadas conforme critérios articulatorios, como altura, anterioridade, posterioridade e arredondamento. A valer, Albuquerque (2016) tematiza que os fonemas na língua Krahô tem como classificação vogais, consoantes e semivogais. (Albuquerque 2016).

Conforme preconiza Albuquerque (2016, p. 19):

na produção de vogal nasal, há o abaixamento do véu palatino, e parte do fluxo da corrente de ar penetrará na cavidade nasal, sendo expelida pelas narinas, produzindo, desta forma, uma qualidade nasalizada, utilizando um “til” acima de segmento vocálico para marcar a nasalidade. Em Krahô existem seis (6) vogais nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ĩ /, /ũ/. (Albuquerque, 2016. p 19).

Ademais, Albuquerque (2016) também faz a classificação de outras vogais em relação à modificação do véu palatino, dentre elas: orais, nasais; Modificações pela elevação do véu palatino em que ocorre maior grau de elevação da língua: anteriores, centrais, centrais não-arredondadas, posteriores-arredondados; modificações pela altura da língua na articulação dos segmentos vocálicos: vogais altas, médias-altas, médias-baixas, vogais baixas. (Albuquerque 2016).

Albuquerque (2016) também nos mostra os tipos de derivações prefixais e sufixais existentes na língua Krahô. A exemplo: *i + pa = meu braço (ipa)*; *a + pa = seu braço (apa)*. Nesses dois exemplos apresentados pelo teórico Albuquerque (2016, p. 37) , vemos que o prefixo serve como elemento que indica posse. Em relação ao sufixo, neste exemplo: *rop + ti (ropti) = onça grande*, vemos que o sufixo *-ti* pode representar o grau aumentativo.

Em relação à ordem de palavras em Krahô, Albuquerque (2016, p. 109) diz que:

A língua Krahô apresenta o seguinte padrão: sujeito - objeto - verbo, SOV. Assim, o verbo nessa língua aparece à direita dos argumentos da sentença. Nessa língua, existem dez tipos de oração, sendo seis verbais e quatro não verbais. A distinção de cada tipo de oração é feita através dos constituintes específicos para cada tipo de oração. (Albuquerque, 2016, p. 109).

Nessa citação, vemos que a língua Krahô possui uma organização sintática em que o termo integrante da oração fica entre os termos essenciais: sujeito e predicado. Como cada língua pode possuir uma organização sintática diferente, vemos a importância de entender como se estruturam as palavras para construção de sentidos.

Em relação às sentenças da língua Krahô, especificamente sobre as orações transitivas, Albuquerque (2016, p. 109) tema tematiza que:

A forma que marca a diferença entre a oração transitiva Krahô dos outros tipos de oração, é a forma de tempo passado. Então a oração transitiva apresenta a seguinte estrutura: o núcleo da oração é formado pelo sujeito mais o marcador de tempo passado, o objeto direto e o verbo. Assim, o sujeito pode ser representado por um pronome, uma frase nominal ou um prefixo junto do marcador de tempo passado, que é a partícula TE. (Albuquerque, 2016, p. 109).

Diferentemente do que ocorre na língua portuguesa, a língua Krahô possui prefixo que marca o sujeito da oração. Essa particularidade presente nessa língua indígena mostra a riqueza de seu sistema linguístico em relação às construções sintáticas e seus sentidos.

7 BASES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Como aporte teórico desta pesquisa recorreremos aos seguintes autores: Rodrigues (1986); Nimuendajú (1956) e Mellati (1978). Ademais, será falado sobre cada um desses e sua importância para o aprofundamento.

Aryon Dall'Ígna Rodrigues (1986) importante linguista que escreveu sobre as línguas indígenas brasileiras. Ele se dedicou à descrição, classificação e documentação dessas línguas indígenas. A sua obra, *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas Indígenas* utilizada nesta pesquisa, aborda a apresentação geral das línguas indígenas, bem como os

troncos linguísticos existentes que contemplam cada uma dessas línguas. Ele aborda o tronco linguístico Macro-Jê utilizado nesta pesquisa.

Outrossim, para a nossa pesquisa utilizamos Nimuendajú (1956) renomado etnólogo que se dedicou aos estudos dos povos indígenas no Brasil. Suas pesquisas nos forneceram dados sobre a organização social, linguística, cultural e cosmovisão do povo Apinayé. A obra escolhida do autor citado, é: *Os Apinayé*.

Utilizaremos também Júlio Cesar Mellati (1978) que em sua obra *Ritos de uma Tribo Timbira* escreveu sobre o povo Krahô, abordando a cultura, o comportamento, e a vida deles. Essa obra é resultado de um trabalho de campo, que o fez permanecer por mais de um ano junto ao povo Krahô. Ele explica o modo de vida desse povo, bem como a cultura e os ritos deles.

Além disso, recorreremos também aos trabalhos de Francisco Edviges Albuquerque (2011) para a nossa pesquisa. Esse pesquisador estuda sobre os povos Apinayé e Krahô do Estado do Tocantins, e também, com seus estudos de campo, produziu a *Gramática Pedagógica Apinayé* (2011) e a *Gramática Pedagógica Krahô* (2016) que serviram como subsídios para nossas análises. O pesquisador é professor titular da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

O tipo de pesquisa teórico-metodológico do nosso trabalho possui uma abordagem qualitativa, e o procedimento é de natureza bibliográfica. Para Gehardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa tem como objetivo analisar com profundidade algum objeto de estudo em que o pesquisador se debruçou. Nesse sentido, o intuito não é focar em fatores numéricos, mas na reflexão e análise do objeto, buscando explicar o motivo pelo qual determinado fenômeno ocorre. Nesse tipo de pesquisa, o intuito é produzir informações aprofundadas em que a quantificação não pode explicar o fenômeno em si, mas apenas a análise com teor detalhado.

Em consonância com o tipo de pesquisa apresentada anteriormente, temos a pesquisa bibliográfica como o procedimento que nos permite fazer o levantamento de materiais científicos presentes em livros e artigos, os quais tem a finalidade de nos dar aporte teórico necessário para a realização de nossa pesquisa. Segundo as preconizações de Gil (2008):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (Gil, 2008, p.50).

Com base no exposto anteriormente, nossa pesquisa realiza-se a partir do procedimento bibliográfico, a qual se efetiva por meio de revisão da literatura pertinente, bem como o levantamento de estado das línguas indígenas, com ênfase nos estudos clássicos e também

atuais, por intermédio das bases de dados arquivados no LALI-Laboratórios de Línguas Indígenas da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

Por conseguinte, o corpus deste trabalho de produção lexicográfica compreenderá os vocábulos de alguns campos lexicais nas línguas Krahô e Apinayé.

A seguir temos uma amostra comparativa segundo Rodrigues (1986) e Albuquerque (2016) das línguas da família linguística Jê:

Tradução	Krahô	Apinayé
Perna	<i>te</i>	<i>te</i>
Banana	<i>pananxô</i>	<i>Pixô</i>
Cabeça	<i>krã</i>	<i>krã</i>
Esposa	<i>ihprô</i>	<i>prô</i>
Cachorro	<i>Rop</i>	<i>Rop</i>
Milho	<i>Pôôhy</i>	<i>Pãy</i>
Pedra	<i>Kẽn</i>	<i>kẽn</i>
Olho	<i>into</i>	<i>no</i>
Pé	<i>pâr</i>	<i>pâr</i>
Fogo	<i>Cuhy</i>	<i>Kuwy</i>
Borboleta	<i>Wewere</i>	<i>Wewere</i>
Casa	<i>Ihkre</i>	<i>hikre</i>

7.1 Análise fonética e fonológica dos termos Apinayé e Krahô

Nesta análise, temos por objetivo mobilizar a fonética e fonologia, morfologia e semântica do léxico das línguas Apinayé e Krahô. As palavras em análise estão postas nos resultados finais das palavras semelhantes que selecionamos entre as duas línguas. Com efeito faremos a seguir uma análise comparativa do Léxico dessas duas línguas indígenas.

A análise fonética e fonológica se concentra nos sons conhecidos como fones e na organização desses sons os quais chamamos de fonemas em cada língua, bem como nas diferenças e semelhanças na sua realização. Em relação às vogais nasalizadas, ambas as línguas apresentam um sistema de vogais orais e nasais. A nasalidade é um traço distintivo em ambas, como visto em palavras como *krã* (cabeça) e *Pôôhỹ/Pãy* (milho). Em relação às consoantes pré-nasalizadas, as línguas Jê frequentemente as possuem, pois há presença de nasais no início ou meio das palavras, como podemos ver em *ihprô/prô* e *into/nò*. Em relação às oclusivas e fricativas, as palavras exibem oclusivas (/p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/ como em ,rop, *krã*, *te*, *Pixô*, africada, como /h/ em *Cuhy/Kuwy*, e /tʃ/ em *Pananxô/Pixô*.

Nesta parte, recorreremos às gramáticas Krahô (Albuquerque, 2016) e Apinayé (Albuquerque, 2011), para fazermos a análise das palavras do corpus, comparando cada uma delas em relação ao que têm em comum na fonética e fonologia, morfologia e semântica.

Perna: Krahô: *te* | Apinayé: *te*

Em relação à fonética ambas são realizadas como [te]. Com efeito, na fonologia, o fonema /t/ é uma oclusiva alveolar surda. O fonema /e/ é uma vogal média-baixa frontal. Desse modo, temos uma identidade fonológica total, sugerindo uma certa estabilidade do termo ou uma origem comum muito próxima, sem divergências fonéticas significativas. Essa identidade fonética e fonológica mostra como uma mesma palavra (*te*) presente em duas línguas possui semelhanças gramaticais.

Banana: Krahô: panaxô | Apinayé: Pixô

Em relação à fonética, o Krahô apresenta [panan'tfo], e o Apinayé [pi'tfo]. A valer, fonologicamente, o Krahô apresenta /p/ ,oclusiva bilabial desvozeada, /a/ ,vogal baixa frontal, /n/ ,nasal alveolar, /tʃ/ ,africada alveopalatal surda, /o/ , vogal média-alta posterior. A estrutura silábica é CVCVCCV. Nessa perspectiva, o Apinayé apresenta fonologicamente /p/ (oclusiva bilabial surda), /i/ (vogal alta frontal), / tʃ / (africada alveopalatal surda), /o/ (vogal média-alta posterior). A estrutura silábica é CVCV. Portanto, como podemos perceber, a principal diferença está na redução silábica e no vocalismo entre *Panaxô* para *Pixô*. O Apinayé suprimiu a sílaba medial /nan/ e alterou a vogal /a/ para /i/ na primeira sílaba. A africada /x/ é mantida [tʃ] . Como podemos notar, essas duas palavras possuem o mesmo significado e algumas formas sonoras semelhantes, diferenciando-se apenas na quantidade de sílabas, bem como na alteração de uma média baixa para uma vogal alta frontal.

Cabeça: Krahô: krã | Apinayé: krã

Foneticamente ambas são [krẽ]. Fonologicamente as duas línguas possuem o fonema /k/ (oclusiva velar surda aspirada em Krahô), /r/ (vibrante simples ou tepe), /ã/ (vogal baixa frontal nasalizada), mostrando uma identidade fonológica total. A presença da vogal nasalizada mostra-se como um aspecto comum nas línguas Jê. A sequência kr é um encontro consonantal, comum em algumas línguas do tronco. Essa palavra é uma monossílaba nas duas línguas, e tem a sequência CCV. Desse modo, é possível perceber os aspectos fonéticos e fonológicos em comum dessas duas línguas em relação à análise dessa palavra.

Esposa: Krahô: ãhprõ | Apinayé: prõ

Foneticamente a palavra em Krahô é realizada [ãhprõ], e em Apinayé [prõ]. Fonologicamente no Krahô possui a presença de /ĩ/, vogal alta frontal nasalizada, e /h/, fricativa glotal, antes do /p/ que é notável. Há também /p/, oclusiva bilabial desvozeada, /r/, vibrante simples ou tepe, /õ/, vogal média-alta posterior nasalizada. A forma do Krahô nos mostra uma possível prefixação ou a presença de uma sílaba inicial que foi apagada no Apinayé. Já no Apinayé há /p/, oclusiva bilabial desvozeada, /r/, vibrante simples ou tepe, /õ/, vogal média-alta posterior nasalizada, mostrando uma forma que é mais simplificada, perdendo a vogal inicial

nasalizada /ĩ/ e o /h/ do Krahô. Isso mostra a redução da sílaba inicial que poderia ser um prefixo, ãh, no Apinayé, resultando em uma forma mais concisa, menor, podendo ser um exemplo de simplificação fonológica. Enquanto no Krahô temos uma palavra dissílaba com a sequência VCCCV, no Apinayé temos uma palavra monossílaba que tem a sequência CCV. Apesar dessa leve diferença no início da sílaba, a origem comum dessas palavras não deixa de ser evidente, mostrando que fazem parte de um mesmo tronco linguístico, bem como de uma mesma família linguística.

Cachorro: Krahô: *rop* | Apinayé: *rop*

Em relação à fonética, ambas realizadas como [rɔp] ou [rop] (representação de "r" tepe/flep, comum em algumas línguas Jê). Fonologicamente as duas apresentam o fonema /r/ (consoante oral vibrante simples, tepe alveolar ou simplesmente tepe), /ɔ/ (vogal média-baixa posterior), /p/ (oclusiva bilabial surda), mostrando uma identidade fonológica total. Nessas duas línguas a mesma palavra é monossílaba, que possui a sequência silábica CVC. A pronúncia talvez possa ser semelhante nas duas línguas, devido elas terem alguns pontos e modos de articulação que as distinguem.

Milho: Krahô: *Pôôhy* | Apinayé: *Pãÿ*

Foneticamente a realização em Krahô é [põ:'hi], e Apinayé [pãi]. Fonologicamente o Krahô apresenta /p/ (oclusiva bilabial desvozeada ou surda), /õõ/ (vogal nasalizada, possivelmente longa), /h/ (fricativa glotal), /ỹ/ (vogal alta posterior nasalizada). É possível perceber que a sequência de vogais nasalizadas e o /h/ é bem mais complexa. Já em Apinayé há /p/ (oclusiva bilabial surda), /ãÿ/ (ditongo nasalizado), demonstrando uma grande diferença fonética e fonológica. Nesse viés, o Apinayé apresenta uma forma bem mais reduzida. A sequência de vogais nasalizadas e o /h/ do Krahô são substituídos por um ditongo nasalizado no Apinayé. Enquanto no Krahô temos uma palavra trissílaba, com a sequência CVVCV, no Apinayé temos uma monossílaba, com a sequência CVV, onde há a presença de um glide. Nesta palavra de mesmo significado, ainda é possível ver semelhanças fonéticas e fonológicas em comum.

Pedra: Krahô: *Kẽn* | Apinayé: *kẽn*

Foneticamente, no Krahô a realização é [k^hẽn] (com vogal nasalizada), e em Apinayé é [kẽn] (com consoante nasal final). Fonologicamente o Krahô apresenta /k^h/ (oclusiva velar aspirada), /e/ (vogal média-alta frontal), /~/ (til indica nasalização da vogal) /n/ (nasal alveolar vozeada). Já no Apinayé há também /k/ (oclusiva velar surda), /e/ (vogal média-alta frontal), /n/ (nasal alveolar). Em ambas as línguas, a consoante nasal em coda silábica se realiza, não

havendo uma diferença fonêmica nesse caso. No Apinayé, a nasalidade é da consoante final (/n/). Isso aponta para uma divergência fonológica na representação da nasalidade em coda silábica. Pode ser que, historicamente, uma vogal nasal evoluiu para uma consoante nasal ou vice-versa. Vemos que as duas palavras são monossílabas, com a sequência silábica CVC. Apesar dessa pequena diferença apresentada na análise, é possível notar como essas duas línguas possuem traços em comum, mostrando um alto grau de parentesco linguístico.

Olho: Krahô: *into* | Apinayé: *no*

Foneticamente, a realização no Krahô é [ĩn'to], e no Apinayé [ndo]. Fonologicamente, o Krahô apresenta /i/ (vogal alta frontal), /n/ (oclusiva alveolar pré-nasalizada) pois antecede uma vogal não nasalizada, /t/ (oclusiva alveolar surda), /o/ (vogal média-baixa). Já o Apinayé apresenta /n/ (pré-nasal), /o/ (vogal média-baixa posterior). É notável a redução no Apinayé em relação ao pagamento de sílaba e mudança de ponto e modo de articulação da sílaba de ataque final. A sílaba inicial in - não seria apagada. Talvez o i - tenha desaparecido e a nasal juntou-se à oclusiva dental desvozeada, passando a ser um só fonema, vozeado e pré-nasalizado em Apinayé, restando apenas a sílaba nasal nò. Isso pode ser resultado de um processo de síncope ou de uma forma reduzida que se tornou padrão. A vogal do Apinayé é mais aberta. Enquanto no Krahô há uma palavra dissílaba, com a sequência VCCV, no Apinayé há uma monossílaba, com a sequência CV. Portanto, apesar do pagamento e mudança de pronúncia em algumas partes da palavra, a origem comum é evidente, devido a representação do objeto ao qual a palavra nomeia.

Pé: Krahô: *pãr* | Apinayé: *par*

Foneticamente a realização no Krahô é [pẽr], e Apinayé [m̃bar]. Fonologicamente, o Krahô apresenta /p/, oclusiva bilabial surda, /ã/, vogal baixa frontal nasalizada, /r/, tepe ou vibrante. O Apinayé apresenta /p/, oclusiva pré-nasal, /a/, vogal baixa frontal oral, /r/ vibrante simples ou tepe). A divergência principal é a nasalidade da vogal. No ataque da sílaba em Apinayé, a consoante é vozeada e pré-nasalizada [m̃b]. O Krahô mantém a nasalização da vogal /a/, enquanto o Apinayé a oraliza. Isso nos mostra que, para essa palavra, o Apinayé perdeu a nasalidade vocálica distintiva. A valer, as duas palavras apresentam uma monossílaba, que possuem a seguinte sequência: CVC. Essa sequência é bem evidente nas línguas Apinayé e Krahô, conforme as palavras já mencionadas no corpus. Nesse sequência há a vogal como núcleo da sílaba e as consoantes que a rodeiam, sendo subordinadas a ela. Portanto, diante do exposto, vemos que as palavras são quase idênticas, diferenciando-se apenas na pronúncia e na grafia que mostra nasalidade no Krahô.

Fogo: Krahô: *Cuhy* | Apinayé: *Kuwy*

Foneticamente, no Krahô a realização é [Ku'hi], e no Apinayé [ku'wi]. Fonologicamente o Krahô apresenta /k/, Oclusiva velar desvozeada, grafada como "C", /u/, vogal alta posterior, /h/, fricativa glotal, /y/, vogal alta central arredondada, grafada como "y" para /i/ ou /i/. Já em Apinayé apresenta /k/, oclusiva velar surda, /u/, vogal alta posterior, /w/, semivogal bilabial, /y/, vogal alta central não- arredondada, grafada como "y" para /i/. Podemos constatar que na primeira consoante o Krahô apresenta uma fricativa "h" (/h/), enquanto o Apinayé tem uma oclusiva velar "K" (/k/). Esta é uma mudança fonológica significativa, possivelmente uma desafricação ou palatalização. Outra diferença são os sons mediais, pois o Krahô tem /h/, enquanto o Apinayé tem /w/. Isso nos mostra uma alternância ou evolução entre um som fricativo glotal e uma semivogal. Em relação ao padrão silábico, as duas palavras apresentam CVCV. No Krahô, temos duas sílabas com dois núcleos (u, y), e duas consoantes (C, h) em que as duas estão em posição de ataque. No Apinayé, o padrão silábico é CVVV. Aí temos dois núcleos (u, y), a consoante (K) está ocupando a posição de ataque, e a semivogal está funcionando como glide.

Borboleta: Krahô: *Wewere* | Apinayé: *Wewere*

Foneticamente, ambas se realizam como [we'were]. Fonologicamente há uma identidade fonológica completa, com /w/, semivogal, /e/ vogal média-baixa frontal, /r/ (vibrante/tepe). Tanto no Krahô quanto no Apinayé, a sílaba tônica está na medial (we). Ademais, o padrão silábico das duas palavras é CVCVCV. Nessas palavras há 3 núcleos (e, e, e) rodeados pelas consoantes (w, w, r). Todas as consoantes estão em posição de ataque da sílaba. Portanto, vemos como essas duas línguas possuem algo em comum por meio de padrões linguísticos idênticos, ressaltando que fazem parte de uma mesma família e tronco linguísticos.

Casa: Krahô: *Ihkre* | Apinayé: *hikre*

Foneticamente o Krahô se realiza como [ih'kre], e em Apinayé [hi'kre]. Fonologicamente, o Krahô apresenta /i/, vogal alta frontal, /h/, fricativa glotal, /k/, oclusiva velar aspirada surda, /r/ (vibrante/tepe), /e/, vogal média-baixa frontal. A letra "I" inicial em Krahô pode indicar uma vogal nasalizada ou uma vogal com traço de glotalização. Já em Apinayé é apresentado /h/, fricativa glotal, /i/, vogal alta frontal, /k/, oclusiva velar surda, /r/ (tepe/vibrante), /e/, vogal média-alta frontal. Nesse sentido, a diferença é quase imperceptível e pode ser uma questão de transcrição ou de uma pequena variação fonética na vogal inicial, se o "I" em Krahô indica nasalização ou glotalização que não está presente no "hi" de Apinayé, ou se é apenas uma diferença na representação da sílaba inicial. Em relação ao padrão silábico em Krahô, vemos que a palavra se constitui como VCCCV, e a sílaba tônica está em posição final (kre). Em relação ao padrão silábico Apinayé, a palavra se apresenta como CVCCV, e a sílaba

tônica está na posição final, caracterizando-se como uma oxítone. Portanto, a diferença está apenas na mudança de posição do padrão silábico da sílaba inicial da palavra. Apesar dessa pequena diferença de posição, vemos como essas duas palavras corroboram para um parentesco comum entre Krahô e Apinayé.

7.2 Análise morfológica dos termos Apinayé e Krahô

De acordo com as gramáticas tradicionais, a morfologia estuda a estrutura interna das palavras, incluindo afixos, prefixos, sufixos, infixos, raízes e outros elementos que contribuem para o significado gramatical. Nesse viés, a priori, muitas das palavras apresentadas são monossílabas ou dissílabas, sugerindo uma morfologia predominantemente de raízes curtas, característica das línguas Jê. Com efeito, a grande semelhança entre muitas das palavras Krahô e Apinayé aponta para a conservação de raízes morfológicas comuns do proto-Jê.

Análise das Palavras em seu aspecto morfológico:

Perna (*te*), Cabeça (*krã*), Cachorro (*rop*), pé (*pãr/pàr*), Borboleta (*Wewere*), Fogo (*Cuhy/Kuwy*), Pedra (*Kĕn/kĕ n*):

Essas palavras parecem ser raízes lexicais simples, sem afixos na forma apresentada. São substantivas. Não há indícios de flexão de gênero, número ou caso nas formas isoladas. Nesse sentido, a identidade morfológica nestes pares mostra que os processos de formação de palavras para esses conceitos são muito semelhantes, ou que as formas foram herdadas diretamente do ancestral comum sem complicações morfológicas.

Banana: Krahô: *pananxô* | Apinayé: *Pixô*

Ambas são raízes lexicais, em que “panan” em Krahô é um empréstimo do Português, vem de “banana”, neste caso tendo perdido o “a” final” e a vocalização do “b”, que se realiza como “p”. O “xô” significando “flor”. Em Apinayé acontece um outro fenômeno, pois não ocorre empréstimo. É a junção de “pi”, que significa “lenha”, “árvore” (Albuquerque, 2011) e de “xô”, flor. As duas palavras são classificadas como substantivas, poderíamos classificá-las como vocábulos livres. Esses substantivos são classificados como concretos, pois representam um objeto concreto no mundo tanto em Krahô quanto Apinayé. Morfológicamente, é possível notar as possíveis semelhanças entre o léxico dessas duas línguas que fazem parte de uma mesma família linguística.

Esposa: Krahô: *ihprô* | Apinayé: *prô*

Em Krahô, a sílaba inicial *ih-* pode ser um prefixo ou parte da raiz. Se for um prefixo, pode indicar algo como posse, por exemplo, "minha esposa". Seria um prefixo de posse. Em Apinayé, *prô* parece ser somente a raiz no seu estado puro. Nesse sentido, a diferença

morfológica está na presença/ausência da sílaba inicial *ĩh-*. Se for um prefixo, o Apinayé o elidiu. Se for parte da raiz, o Apinayé simplificou a estrutura da raiz. As duas palavras são classificadas como substantivo concreto. Caso o prefixo for de relação de posse, podemos inferir que há outra classe gramatical elidida, o pronome demonstrativo “meu, minha”. Caso o *Ih-* for um prefixo, classificaremos como vocábulo preso. Já a raiz *pro-* seria um vocábulo livre. Portanto, ao observarmos essas correlações morfológicas, vemos como essas duas línguas se aproximam quanto as palavras que fazem parte do léxico de cada uma.

Milho: Krahô: *Pôðhỹ* | Apinayé: *Pãy*

Ambas são raízes lexicais. Nesse caso, as diferenças fonológicas levam a raízes com estruturas silábicas distintas. Desse modo, o Apinayé apresenta uma forma muito mais reduzida, o que implica uma simplificação morfológica na representação da raiz para "milho". Morfológicamente, as duas palavras são substantivas. Numa análise sintática, esse substantivo concreto poderia funcionar como complemento ou sujeito de uma frase. As duas palavras tratam-se de vocábulos livres, pois não dependem de afixos para existir. Além disso, representam um objeto em comum no mundo, “milho”, nas duas línguas.

Olho: Krahô: *into* | Apinayé: *no*

As duas são raízes lexicais. Com efeito, a supressão de sílabas no Apinayé (*in-* e *-to*) resulta em uma raiz morfológica mais curta, que indica uma evolução para a brevidade. Ademais, essa palavra é um substantivo concreto que representa uma parte do corpo humano. Apesar de possuírem diferenças na escrita e na pronúncia, elas são vocábulos livres que não dependem de outras partes complementares para terem significados no mundo.

Casa: Krahô: *Ihkre* | Apinayé: *hikre*

As duas palavras são raízes lexicais. Entretanto, a diferença (*Ih* vs *hi*) é provavelmente fonológica/ortográfica, talvez não morfológica no sentido de prefixação ou sufixação. Morfológicamente, parecem ser a mesma raiz. As duas palavras são substantivas e representam o mesmo objeto no mundo. Caso a raiz lexical seja (*kre*), o significado maior do objeto está nessa raiz ou radical. Por essa palavra representar o objeto “casa”, ela é um substantivo concreto, e tem a qualidade de um vocábulo livre.

Concluimos que há uma forte conservação de raízes lexicais básicas entre Krahô e Apinayé para muitos conceitos. O Apinayé parece ter passado por mais processos de redução e simplificação morfológica em algumas palavras, resultando em raízes mais curtas (*Pixô*, *prô*, *Pãy*, *nò*). Certamente, as formas isoladas não revelam uma morfologia derivacional ou flexional complexa, sugerindo que essas estruturas podem ocorrer em contextos sintáticos específicos ou serem realizadas por partículas e outras palavras funcionais. Apesar de haver algumas

diferenças fonéticas e fonológicas, as palavras são formas de vocábulos livres que representam o mesmo objeto no mundo. Além disso, as palavras analisadas são substantivas concretas. Desse modo, vemos como os aspectos morfológicos, fonéticos e fonológicos, marcam uma semelhança entre a língua Apinayé e Krahô, evidenciando um grau de parentesco muito próximo, bem como uma origem comum.

7.3 Análise semântica dos termos Apinayé e Krahô

A semântica, de acordo com gramáticas tradicionais, estuda o significado das palavras e os sentidos que ela aponta. Nesse sentido, a maioria das palavras Krahô e Apinayé apresentadas são cognatos perfeitos em termos de significado. Apesar de algumas diferenças fonológicas e morfológicas, o núcleo semântico das palavras foi preservado.

Análise semântica das palavras a seguir: Perna, Banana, Cabeça, Esposa, Cachorro, Milho, Pedra, Olho, Pé, Fogo, Borboleta, Casa. Semanticamente, o significado de todas essas palavras é idêntico nas duas línguas. Com efeito, não há evidências de divergência semântica ou especialização de sentido. A correspondência semântica reforça a ideia de que essas palavras são cognatos diretos, herdados de uma língua ancestral comum. As mudanças ocorreram no nível fonológico e, em alguns casos, morfológico, mas não no nível de significado léxico básico. Ademais, vale destacar que, a depender do contexto em que a palavra for empregada nessas duas línguas, elas terão significados diferentes. É possível notar palavras do campo semântico de alimentos, animais, partes do corpo, natureza, entre outros.

As palavras listadas a seguir são de domínio das duas línguas e seus usos representam conceitos básicos, como partes do corpo, elementos naturais e ações fundamentais. Partes do Corpo: "cabeça": *krã* (Apinayé) / *krã* (Krahô); "Pé": *par* (Apinayé) / *par* (Krahô); "olho": *into* (Apinayé) / *no* (Krahô); "Perna": *te* (Apinayé) / *te* (Krahô). A correspondência semântica dessas palavras indica uma preservação lexical significativa de um vocabulário fundamental. Desse modo, a conservação de termos para partes do corpo é uma característica comum em famílias linguísticas, a qual reflete a relevância dos conceitos de cada uma dessas línguas. Portanto, a preservação do significado lexical abrange tanto a língua Krahô quanto a Apinayé.

Ademais, temos as palavras de elementos naturais/básicos e de objetos necessários à sobrevivência: "casa": *hikre* (Apinayé) / *ihkre* (Krahô); "Fogo": *Kuwy* (Apinayé) / *Cuhy* (Krahô). Como podemos ver, esses termos também são básicos para a sobrevivência e interação social, os quais explicam sua estabilidade e semelhança entre as línguas. A palavra fogo pode representar o elemento básico necessário para a sobrevivência, como também significar algo relacionado a fervor ou força, a depender do contexto. A palavra casa significa o objeto

composto de palhas, barro, madeira. A forma como veem o referente (objeto), dependerá da cultura e do modo como esses dois povos constroem suas residências. Cada um deles tem uma imagem acústica diferente que representa o mesmo objeto de conhecimento do mundo “lar”.

A palavra "rop" em ambas as línguas têm um significado abrangente, visto que dependerá da sufixação, aglutinação e justaposição que a palavra acolher. Numa taxonomia própria desses povos indígenas, e que difere daquela sugerida pelas Ciências Biológicas, esse termo costuma designar mamíferos de porte médio, caninos e felinos, desde o cachorro doméstico até onças, gatos selvagens e tigres.

Desse modo, vemos que a identidade semântica entre as palavras Apinayé e Krahô é total nas correspondências listadas. Isso fortalece a tese de que Apinayé e Krahô compartilham uma origem comum e que esses termos são parte de um vocabulário herdado do proto-Jê. Ademais, a análise comparativa do léxico entre Apinayé e Krahô, com base no corpus, demonstra uma forte relação de parentesco entre as duas línguas, confirmando sua filiação ao tronco Macro-Jê, família Jê. Essas duas línguas, apesar de se diferirem em diversos aspectos, algumas palavras se aproximam/assemelham no nível lexical.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral realizar um estudo comparativo de termos lexicais, em seus aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e semânticos, existentes nas línguas Apinayé e Krahô, que fazem parte do Tronco Linguístico Macro-Jê e da Família Linguística Jê. Com base nos resultados encontrados no desenvolvimento da pesquisa, foi possível alcançarmos o objetivo proposto. O resultado principal foi a correspondência existente entre o léxico das línguas Krahô e Apinayé no que tange aos aspectos fonéticos e fonológicos, morfológicos e semânticos das palavras pertencentes ao *corpus* desta pesquisa.

Com efeito, só foi possível encontrar esse resultado por meio da abordagem qualitativa e do procedimento bibliográfico, embasados nas contribuições de Rodrigues (1986), Nimuendajú (1956) e Mellati (1978) e Albuquerque (2011), os quais permitiram o levantamento de dados essenciais sobre as características fonéticas e fonológicas, morfológicas e semânticas das línguas Apinayé e Krahô. A análise revelou tanto os traços comuns, esperados de línguas de um mesmo tronco e família linguísticos, quanto particularidades que as tornam únicas.

Os resultados finais, exemplificados pela amostra comparativa entre o léxico das línguas Krahô e Apinayé, forneceram uma base para a compreensão das semelhanças e diferenças fonéticas e fonológicas, morfológicas e semânticas, confirmando a relevância da descrição comparativa dessas línguas. Certamente, este levantamento comparativo não apenas consolida

informações existentes, mas também abre caminhos para futuras investigações mais aprofundadas.

Uma das contribuições que podem ser consideradas mais significativas deste trabalho está no possível potencial de auxiliar na elaboração de material didático específico e diferenciado para a educação escolar indígena. Ao aprofundar a compreensão dos aspectos linguísticos e socioculturais dos Apinayé e dos Krahô, a pesquisa pode oferecer subsídios para que os discentes indígenas possam entender melhor o mecanismo linguístico que possuem, estimulando para uma educação bilíngue, intercultural, e que favorece ao aprendizado. A documentação dessas características linguísticas é essencial para a preservação e revitalização dessas línguas, as quais são muitas vezes ameaçadas, ao passo que contribui para estudos linguísticos que evidenciam a riqueza da linguagem humana em relação às diversas estruturas desse mecanismo vivo, mostrando como duas línguas diferentes possuem alguns elementos linguísticos em comum.

Por conseguinte, este artigo destacou não só as semelhanças e diferenças do léxico Apinayé e Krahô, mas também um possível desenvolvimento de conteúdos educacionais. Além disso, corroborou a importância da pesquisa que serve como um suporte para atender às necessidades das comunidades indígenas Krahô e Apinayé, proporcionando a preservação tanto da língua como da cultura indígena, favorecendo um ambiente educacional inclusivo e respeitoso das diferenças culturais que há entre os povos originários.

Ademais, destacamos também a relevância da manutenção e preservação das línguas e culturas indígenas, uma vez que esses povos possuem uma riqueza de saberes que são importantes para o conhecimento científico. A valer, o bilinguismo e o multilinguismo em algumas comunidades indígenas, mostram a capacidade do ser humano de interpretar a realidade pela linguagem de diferentes formas. Nesse viés, portanto, tematizamos que este trabalho é crucial para o desenvolvimento escolar das comunidades indígenas por intermédio da coleta de dados sobre as línguas indígenas Krahô e Apinayé.

Portanto, diante de nossas análises entre o léxico Apinayé e Krahô foi possível verificar que essas duas línguas indígenas pertencem ao mesmo tronco linguístico, Macro-Jê, e a mesma família linguística Jê. Com efeito, esse trabalho poderá servir como fonte para futuras pesquisas e materiais que darão suporte para uma formulação de materiais didáticos que corroborem para uma interrelação de culturas diferentes que tanto se assemelham em alguns aspectos linguísticos, favorecendo o bilinguismo e o multilinguismo nas escolas indígenas Apinayé e Krahô.

Para pesquisas futuras, sugerimos a ampliação do *corpus* lexical comparado, incluindo mais campos semânticos. Ademais, aprofundar a análise por meio da relação fonética e fonológica, morfológica e semântica, entre outras análises, além de desenvolver propostas pedagógicas concretas com base nos dados gerados seria um passo importante para a aplicação prática dos resultados desta pesquisa no contexto da educação indígena Apinayé e Krahô. Este estudo, portanto, serve como um suporte para a valorização e o fortalecimento das línguas e culturas Apinayé e Krahô no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. (Org). **Gramática Pedagógica da Língua Apinajé**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011. p. 140.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges e Yahé Krahô, Renato. (Orgs.) **Gramática Krahô**. São Paulo: Pontes, 2016.
- ALBUQUERQUE, Francisco; KRAHÔ, Renato. **Gramática Pedagógica Krahô**. São Paulo: Pontes Editores, 2016.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Panhĩ Kaper - Kupē Kapēr: Apinayé - Português: Dicionário Escolar Apinayé**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras UFMG, 2012.
- Associação Internacional de Linguística-SIL Brasil. **Rikbaktsa – Português | Português – Rikbaktsa Dicionário**. Cuiabá- MT, 2007, p. 100.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Proposta de Formação de Professores Indígenas do Estado do Tocantins: projeto de educação indígena para o Tocantins**. Palmas-TO: Secretaria da Educação e Cultura do -----, Craho. In: WILBERT, Johannes (Ed.). *Encyclopedia of World Cultures*. v. 7. Boston: G.K.Hall & Co., 1994, p. 135-9.
- _____. **Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena**. Niterói, 2007.255 p. Tese de Doutorado em letras – Universidade Federal Fluminense.
- CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Mortos e Os Outros**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- D'ANGELIS, Wilmar da R. **Línguas indígenas precisam de escritores? Como formá-los?** Campinas: CEFIEL - Centro de Formação Continuada do IEL-UNICAMP; Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- Estado do Tocantins**. Gerência de Educação Indígena, 1997.
- GEHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de Pesquisa**. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2009.
- GIL, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ªed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

_____. **Índios do Brasil**. 7ª Edição. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

_____. **Índios e criadores : a situação dos Krahó na área pastoril do Tocantins**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1967.

_____. Indivíduo e grupo : à procura de uma classificação dos personagens mítico-rituais Timbiras. *Anuário Antropológico*, v. 79, p. 99-130, 1981. Originalmente publicado como : **À procura de uma classificação dos personagens mítico-rituais Timbiras**. Brasília : UnB, 1979. (Série Antropologia)

_____. Índios do Tocantins: aspectos históricos e culturais. In: Silva Norma Lúcia da, Vieira, Martha Victor (Org). **Ensino de História e Formação Continuada: Teorias, metodologias e práticas**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2013.

LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Mito, Razão, História e Sociedade: Inter-relação nos universos Socioculturais indígenas**. In: LOPES SILVA, Aracy, GRUPIONI, L. D. (ORGs). **A temática Indígena na Escola**. MEC/Mari; UNESCO, 3ª ed., 2001.

MELATTI, Júlio César. **Ritos de Uma Tribo Timbira**. São Paulo: Ática, 1978.

MELATTI, Júlio César. **Corrida de toras**. *Rev. de Atualidade Indígena*, Brasília : Funai, n. 1, p. 38-45, 1976.

MELIÁ, B. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

NIMUEMDAJÚ, Curt. **Os Apinayé**. *Boletim do museu Paraense Emilio Goeldi*. Belém-Pará: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1956.

_____. **Projeto de apoio pedagógico à Educação Indígena Apinayé**. Araguaína: UFT/SEDUC/FUNAI/ADR-Araguaína, 2005.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna 1986 – **Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo, Loyola.